

GT 15 – Educação Especial**ATENDIMENTO NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS (SRM):
RELAÇÃO COM A SALA DE ENSINO REGULAR (SER), PLANEJAMENTO,
AGENDA E FREQUÊNCIA DOS ALUNOS**Marilete Geralda da Silva-Perdigão¹Regiana Sousa Silva²**1INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem o objetivo de apresentar e discutir dados sobre o atendimento dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais nas Salas de Recursos Multifuncionais – SRM, no município de Imperatriz, no estado do Maranhão. Enfoca, principalmente, a relação deste tipo de atendimento com a Sala de Ensino Regular - SER; afreqüência dos referidos alunos e a construção do planejamento naquele ambiente de aprendizagem.

As Salas de Recursos Multifuncionais - SRM são:

[...] espaços da escola onde se realiza o atendimento educacional especializado para alunos com necessidades educacionais especiais, por meio do desenvolvimento de estratégias de aprendizagem, centradas em um novo fazer pedagógico que favoreça a construção de conhecimentos pelos alunos, subsidiando-os para que desenvolvam o currículo e participem da vida escolar (BRASIL, 2006).

¹Pedagoga, Professora Doutora em Educação do Departamento de Educação II e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação–PPGE da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Integra o Grupo de Pesquisa em Educação Especial desta universidade na condição de pesquisadora e coordena o estudo do Observatório Nacional em Educação Especial – ONEESP em nível estadual, no Maranhão.marilete.geralda@ig.com.br

²Pedagoga, Professora Mestre em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA. Integra o Grupo de Pesquisa em Educação Especial – GPEE do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, atuando como pesquisadora no município de São Luís da investigação do ONEESP em nível estadual.regiana@ifma.edu.br

Discutir peculiaridades do atendimento dos referidos alunos nas SRM se reveste de importância na medida em que tal discussão evidencia a realidade destetipode atendimento, quando confronta fazeres e saberes dos docentes e demais educadores envolvidos com este espaço. Este confronto, a partir da nossa perspectiva, muito colabora para a reflexão sobre o que está dando certo e o que é necessário melhorar neste atendimento, a fim de atender as necessidades e características diferenciadas dos alunos que dele necessitam.

Para dar suporte teórico ao presente trabalho, autores que discutem sobre a Educação Especial/Inclusiva como Mantoan (2003) e Silva (2011) e documentos oficiais da política educacional, como as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001), foram consultados.

Assim, dividimos este escrito em cinco partes. A primeira se constitui desta introdução; a segunda relata sobre a metodologia da pesquisa realizada que deu origem a este trabalho; a terceira traz alguns dados sobre o município de Imperatriz, especificamente sobre, os dados escolares recentes relacionados à Educação Especial; a quarta parte aponta e discute dados da investigação referentes ao atendimento dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais em SRM do município; e para concluir, trazemos algumas considerações finais sobre a discussão do tema.

2. A METODOLOGIA DO ESTUDO

Os dados reunidos para a construção do presente trabalho foram colhidos através de uma pesquisa que envolve dois importantes municípios do Maranhão: São Luís, a capital, e Imperatriz, considerado o segundo em importância no estado. O estudo cujo título é “Atendimento Educacional Especializado em Salas de Recursos Multifuncionais nas Escolas Comuns no Estado do Maranhão” está vinculado à pesquisa de âmbito nacional do Observatório Nacional de Educação Especial- ONEESP: Estudo em Rede Nacional sobre as Salas de Recursos Multifuncionais nas Escolas Comuns, que teve o seu início em 2011 e será finalizada em dezembro do presente ano, 2014.

O tipo de pesquisa realizada foi a colaborativa que, segundo Ibiapina (2008):

[...] envolve investigadores e professores tanto em processos de produção de conhecimentos quanto de desenvolvimento interativo da própria pesquisa, haja vista que o trabalho colaborativo faz com que professores e pesquisadores produzam saberes, compartilhando estratégias que promovam desenvolvimento profissional. Nessa perspectiva, é atividade de co-produção de conhecimentos e de formação em

que os pares colaboram entre si com o objetivo de resolver conjuntamente problemas que afligem a educação (IBIAPINA, 2008, p. 25).

No município de Imperatriz, o estudo também teve o seu início em 2011 e está sendo finalizado este ano, como em nível nacional. Os sujeitos participantes são os professores de SRM do sistema municipal de ensino. Participam da investigação 21 professores e duas coordenadoras da Secretaria Municipal de Educação - SEMED, totalizando 23 sujeitos. Foram e estão sendo utilizados como instrumentos de coleta de dados entrevistas com grupos focais, análise de documentos e um *survey* que está sendo respondido *online*, por todos os participantes da pesquisa e outros professores das referidas salas que se dispuserem a responder o instrumento.

As entrevistas realizadas com grupos focais aconteceram de 06/2012 a 03/2013, no Setor de Inclusão e Atenção à Diversidade – SIAD da Secretaria Municipal de Educação, em 10 encontros, com duração de quatro horas cada um. As temáticas trabalhadas foram: a formação de professores para o Atendimento Educacional Especializado- AEE; avaliação dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais –NEE; e o atendimento nas Salas de Recursos Multifuncionais – SRM. A primeira temática foi apresentada e discutida em quatro encontros e, a segunda e a terceira, foram discutidas em dois encontros cada uma. Ainda realizamos mais dois encontros: um, especificamente, para discutir sobre a legislação relacionada à Educação Especial e, o outro, para uma devolutiva prévia dos dados coletados dos encontros e para a entrega de certificação de participação do estudo aos professores. A organização e análise dos dados estão sendo feitas tendo como suporte a técnica da análise de conteúdo, tendo o tema como unidade de análise (BARDIN, 1977).

Atualmente, estamos empreendendo esforços para que um número maior possível de sujeitos responda, *online*, ao já referido *survey*. Ainda são realizados encontros com a equipe estadual do estudo e, anualmente, encontros dos pesquisadores em nível nacional, para apresentação e discussão dos trabalhos realizados pelos investigadores nos seus respectivos estados e localidades.

A equipe do ONEESP no estado é composta por: uma coordenadora, uma vice-coordenadora, três pesquisadoras (duas em São Luís e uma em Imperatriz) e uma bolsista mantida com recursos do projeto ONEESP nacional. Em nível estadual, o projeto está sendo desenvolvido sem recursos de agências de fomento, apesar de ter sido aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão – FAPEMA.

3 DADOS DO MUNICÍPIO DE IMPERATRIZ

O município de Imperatriz, sede da região metropolitana do sudoeste maranhense, possui uma área territorial de 1.368,982 km², com uma população estimada de 251.468 habitantes de acordo com o Censo de 2010 (BRASIL, 2014). É atravessada pela Rodovia Belém-Brasília, situando-se na divisa com o Estado do Tocantins. A cidade de Imperatriz estende-se pela margem direita do Tocantins, que é um dos rios mais importantes da região norte do Brasil. Sua fundação teve como ponto de partida as expedições jesuítas por este rio. Em 1852, o então Frei Manoel Procópio fundou, inicialmente, a Povoação de Santa Teresa do Tocantins, que mais tarde (1862), passou a se denominar Vila Nova da Imperatriz, em homenagem à esposa do Imperador D. Pedro II: a Imperatriz Teresa Cristina. Sua elevação à categoria de cidade de Imperatriz é datada de 22 de abril de 1924, no governo de Godofredo Viana, (Lei nº. 1.179) (PORTAL DA PREFEITURA DE IMPERATRIZ, 2014).

O Censo Escolar de 2013 (INEP, 2014) informa que, em Imperatriz, foram matriculados 55.501 alunos nas redes estadual e municipal, incluindo neste quantitativo, os alunos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da Educação de Jovens e adultos. Somente na rede municipal foram matriculados 44.000 alunos aproximadamente.

De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa - INEP (INEP, 2014) referentes a 2012, havia neste ano 971 alunos Público-Alvo da Educação Especial - PAEE matriculados no município de Imperatriz. Destes, 787 no Ensino Regular; 124 na Educação Especial – Modalidade Substitutiva; e 60 na Educação de Jovens e Adultos. A partir destes dados, percebe-se o maior número de alunos com NEE no Ensino Regular, seguindo uma norma estabelecida pelas Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica em seu Art. 2º:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos.

Parágrafo único. Os sistemas de ensino devem conhecer a demanda real de atendimento a alunos com necessidades educacionais especiais, mediante a criação de sistemas de informação e o estabelecimento de interface com os órgãos governamentais responsáveis pelo Censo Escolar e pelo Censo Demográfico, para atender a todas as variáveis implícitas à qualidade do processo formativo desses alunos (BRASIL, 2001).

Do total de alunos PAEE matriculados, 348 frequentam o AEE, distribuídos em 191 turmas. Estes números significam que 33,79% destes alunos são atendidos neste espaço de aprendizagem e que, em média, são atendidos 1,82 aluno por turma. Estes dados nos fazem refletir sobre a necessidade de ampliação do referido atendimento.

4 A RELAÇÃO ENTRE A SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS - SRM E A SALA DE ENSINO REGULAR – SER NO MUNICÍPIO DE IMPERATRIZ

A partir deste item, vamos apresentar e discutir dados da pesquisa que descrevemos acima, em relação à temática atendimento dos alunos com NEE em SRM, especificamente, sobre a relação deste espaço de aprendizagem com a SER.

Sobre a relação existente entre a SRM e a SER (Quadro 1), as professoras participantes da pesquisa apontarão os canais e atitude pelos quais esta relação se dá: São eles: o planejamento; a presença do professor da SRM nos momentos de planejamento e de desenvolvimentos dos projetos da escola de ensino regular; o conteúdo e a atitude de desconfiança dos professores da SER.

A finalidade apontada pelos professores de SRM de a relação se dar através do planejamento seria tornar possível trabalhar com o aluno de forma diferenciada e saber sobre os conteúdos que estão sendo trabalhados na SER, para poderem preparar material suplementar e complementar aos alunos. A presença nos momentos de planejamentos e nos projetos da escola regular tem a finalidade de ajudar o professor da SER e o aluno também. Além disto, esta presença está dando a chance de professores construírem conhecimentos científicos sobre a SRM, pois um deles está realizando trabalho monográfico sobre este espaço de aprendizagem. O relacionamento através do conteúdo é para dar chance de os docentes trabalharem de forma lúdica na SRM o assunto trabalhado em classe, pois assim a aprendizagem se dá rapidamente, justifica uma das professoras. A relação da SRM com a SER se dá através da desconfiança dos professores deste espaço, por medo desses docentes, afirma a participante.

É louvável a preocupação dos professores de SRM com o planejamento e conteúdo da SER, porém esta preocupação não deve ser somente porque se tem que trabalhar de forma diferenciada o conteúdo do ensino regular. Há que se preocupar com aquelas habilidades e conteúdos que não estão diretamente relacionados com os conteúdos da SER, mas que se tornam fundamentais, para que outras habilidades formadas e outros conhecimentos possam ser construídos. Assim é que a ideia de número, para aqueles alunos com maiores dificuldades

nos conteúdos matemáticos, por exemplo, não está relacionada diretamente com o conteúdo de expressões numéricas, mas se constitui na noção básica a ser conquistada para a realização desta operação.

A justificativa de que saber o conteúdo da SER serve para trabalhar de forma concreta na SRM também precisa de uma reflexão por parte das professoras, pois não é privilégio deste ambiente o trabalho com materiais concretos e lúdicos. Não só os alunos com NEE necessitam de experiências e situações concretas para aprender, mas os demais alunos também. Ter conhecimento desta necessidade de todos os alunos é uma das condições fundamentais para que não somente o espaço e funcionamento da SRM sejam inclusivos, mas toda a escola.

A relação entre os dois espaços de aprendizagem ser pautada pela desconfiança dos professores da SER também merece uma reflexão, pois o processo inclusivo na escola requer dos profissionais um “caminhar junto”, para a consecução de um objetivo que é comum: a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno. Isto significa dizer que tanto os docentes da SER como os da SRM precisam dialogar sobre as funções e o que acontece nos dois espaços de aprendizagem, para que a confiança seja construída.

Não há nos relatos dos professores participantes da pesquisa outro tipo de relação que não seja as citadas acima e que poderiam se constituir em momentos promotores do trabalho conjunto e, conseqüentemente, do desenvolvimento do aluno, são eles: momentos de acompanhamento e avaliação do desempenho dos estudantes com NEE tanto num espaço quanto no outro; momentos de discussão não somente do trabalho didático-pedagógico com eles, mas de reflexão das facilidades e dificuldades intra e interpessoais dos docentes com estes alunos. Estes momentos poderiam se constituir em verdadeiras oportunidades de escuta ao professor, pois como disse Silva (2011)...

O que ele vivencia com seus educandos, sejam situações que se caracterizam como dificuldades e/ou facilidades e as angústias e outros afetos que são despertados nesta relação, só poderão ser compreendidos, ressignificados e elaborados, quando ele fala sobre estas situações com alguém. O professor precisa falar dos seus desejos que se fazem presentes no seu discurso e que lhe são desconhecidos na maioria das vezes. É importante frisar que, quando o docente dirige a palavra ao outro, ele pode ser escutado, mas também se escuta, pois este outro serve de espelho, para o que se apresenta neste discurso. Pode-se sintetizar este processo com o dito: “quando falo e sou escutado, logo me escuto” (SILVA, 2011, p. 62).

Quadro 1 – A Relação entre a SRM e a Sala de Ensino Regular

Através do (a)	Para/Porque
planejamento:	<ul style="list-style-type: none"> • para a professora de SRM trabalhar com o aluno de forma diferenciada; • para saber sobre os conteúdos da SER, a fim de preparar material para suplementar ou complementar.
presença no planejamento e nos projetos da escola e dos professores:	<ul style="list-style-type: none"> • para ajudar o professor da SER e o aluno; • para servir de locus de trabalho monográfico.
conteúdo:	<ul style="list-style-type: none"> • para trabalhar na SRM o conteúdo da SER de forma lúdica (jogos, computador), porque o aluno aprende “rapidinho”; • porque se usa muito abstrato na SER e, no concreto, as crianças aprendem brincando.
desconfiança:	<ul style="list-style-type: none"> • porque os professores da SER têm medo de alguma coisa e têm “o pé atrás”.

O Quadro 2 traz as características do planejamento de ensino na SRM. De acordo com os depoimentos dos professores deste espaço, este planejamento é sempre precedido da leitura do caso, ou seja, das anotações e relatórios das discussões sobre o aluno com NEE. A leitura dos laudos dos profissionais que atendem ou já atenderam a criança ou adolescente e a realização de entrevista com os pais deste aluno também são procedimentos que antecedem ao momento de planejamento do ensino. Assim procedido, os dados coletados nestes instrumentos constituirão a base para este momento do ensino, são eles: a deficiência, as dificuldades e necessidades do aluno, bem como o programa da SER, sendo o acesso a este possibilitado pelo canal planejamento citado acima.

O planejamento é materializado através da composição de um plano constituído pelos seguintes itens: nome do aluno, dias de atendimento na semana, duração do atendimento, o assunto e os recursos didáticos que serão usados. O responsável pela elaboração deste plano é sempre o professor da SRM e uma diferença dele para o da SER é enfatizada pelos participantes, como comprova a fala de uma das professoras participantes do estudo:

[...] porque às vezes o que a gente olha, a maioria do ensino regular é que é passado muito abstrato para criança, até criança de segundo ano e a criança não aprende do abstrato e sim do concreto, então, você tendo jogos, jogos pedagógicos, eles são muito mais prazerosos de você aprender, você aprende brincando, a criança aprende brincando até a gente que é adulta quando você vai assistir a uma palestra que é só muito falada, blá, blá, cansa e ficamos com sono, mas se o palestrante leva na brincadeira, ele leva na vida real, no concreto, mostra coisas da realidade, vai ser mais interessante, vai te chamar mais atenção, então, é isso: a gente tem tentado buscar nessas crianças, até as crianças que são ditas normais, gostam de ir lá para a sala de recurso (PROFESSORA DE SRM).

Podemos perceber pelo discurso dos participantes os significativos cuidados no momento do planejamento das atividades para os alunos que são atendidos na SRM e na

elaboração do plano. Apenas chamaríamos a atenção para a ênfase dada aos recursos neste planejamento como uma característica que o distingue do planejamento da SER. A este respeito, poderíamos dizer que uma das diferenças para a materialização deste planejamento seria os tipos de recursos e não a ausência deles na SER, pois os materiais didáticos utilizados pelo professor são instrumentos mediadores que o auxiliam em qualquer espaço de aprendizagem. A ausência de recursos na SER se caracteriza muito mais por falta de condições objetivas e materiais de trabalho do professor e não por ser um espaço que possa prescindir destes materiais, em comparação à SRM que não poderá se organizar sem eles. Ou seja, os recursos didáticos devem estar auxiliando, necessariamente, o desenvolvimento do plano de ensino do professor em qualquer espaço de aprendizagem.

Quadro 2 – Características do Planejamento de Ensino da Sala de Recursos Multifuncionais

Precedido de:	leitura do caso; leitura dos laudos; entrevista com os pais.
De acordo com:	a deficiência do aluno; as dificuldades do aluno; as necessidades do aluno; e o programa da sala de ensino regular.
Composição do plano:	Nome do aluno; Dias de atendimento na semana; Duração do atendimento; Assunto; e Recursos.
Abrangência do plano (se individual ou coletivo):	Individual
Responsável pela elaboração:	o professor da SEM
Diferença em relação ao planejamento da SER:	o da SRM baseia-se em recursos, o da SER não está baseado em recursos.

Sobre a organização da agenda da SRM, a responsabilidade desta organização fica sempre com o professor deste espaço. Cada professor trabalha um turno na sala e este turno é dividido em quatro horários. As salas funcionam quatro dias na semana (2ª, 3ª, 5ª e 6ª feiras). O número de alunos matriculados e que são frequentes varia de 07 a 25. São atendidos por dia de 03 a 15 alunos de uma forma que o quantitativo da sala seja todo atendido durante a semana. São ofertados de um a quatro atendimentos que duram, geralmente, 60 minutos cada, mas há aqueles que são atendidos em 90 ou 120 minutos, pelo fato de frequentarem outros serviços como o da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE e do Centro de Atenção Psicossocial - CAPS e, ainda, os alunos surdos que são atendidos todos os quatro dias de funcionamento da sala. Portanto, são ofertados aos alunos de 01 a 04 atendimentos por semana, conforme o caso.

Quanto ao formato, os atendimentos na SRM ora são individuais, ora são coletivos, pois este segundo acontece, se a necessidade do aluno for a socialização, afirmam os professores. Assim são atendidos de 01 a 03 alunos por vez e, por turno, 02 a 04 alunos. Alguns professores avaliam que o tempo destinado aos atendimentos é suficiente e está de

acordo com a dificuldade do aluno, para outros, o tempo não é suficiente, pelo fato de alguns educandos faltarem a estes atendimentos.

Podemos perceber a dificuldade de encontrar uma regularidade tanto no número de alunos que frequentam a SRM, como na distribuição dos atendimentos. Há aspectos animadores e aspectos críticos das características da agenda deste espaço de aprendizagem. Um ponto positivo que podemos apontar é o cuidado dos professores em atender as necessidades variadas dos alunos, como podemos perceber através da fala de um das professoras:

[...]eu tenho uma aluna que tem paralisia cerebral, como ela só pode ir na sexta-feira, porque nos outros dias ela faz três dias na APAE, aí ela só tem dois dias na semana livre, quarta e sexta, e, na quarta, a sala não funciona, então, também o horário dela eu deixo a tarde da sexta-feira quase toda livre para ela (PROFESSORA da SRM).

O ponto crítico está, a nosso ver, na variação do quantitativo de alunos que frequentam a sala. Havemos de convir que atender 07 alunos com NEE durante a semana, com 02 atendimentos neste espaço de tempo não é o mesmo que atender 25, se considerarmos espaço, recursos e disponibilidade de tempo para as necessidades de cada um. Assim pareceu-nos plausível a sugestão de uma das professoras:

[...] eu tenho encontrado dificuldade sobre essa questão de trabalhar o assunto que o professor da sala comum está trabalhando, devido à sala ter bastante aluno e o aluno vem assim com pouca frequência à sala, então, não é possível trabalhar tudo que a gente gostaria com esse aluno, porque se ele pudesse vir três vezes na semana seria melhor, para a gente ter mais tempo devido à dificuldade que o aluno tem, porque se pudéssemos trabalhar dois assuntos com ele, aí rendia mais. Mas, devido à dificuldade dele, a gente trabalha um assunto e, às vezes, ele não consegue ainda entender, então, eu acredito que quando cada escola tiver a sua sala de recurso, para que os alunos (nº de alunos) diminuam nessas nossas escolas, então, eu acredito que o trabalho vá melhorar. Eu tenho encontrado essa dificuldade (PROFESSORA DA SRM).

Quadro 3 – Organização da Agenda da Sala de Recursos Multifuncionais

Responsável pela construção:	o professor da SEM
Dias de funcionamento das salas:	2ª, 3ª, 5ª e 6ª feiras (não há atendimento nas 4ªs feiras)
Nº de alunos por sala:	de 07 a 25
Nº de alunos atendidos por dia:	de 03 a 15
Nº de alunos atendidos por semana:	07 a 25 (o quantitativo da sala)
Nº de alunos por turno:	02 a 04
Nº de atendimentos por semana/aluno:	01 a 04 (os alunos surdos são atendidos todos os dias)
Nº de alunos por atendimento:	de 01 a 03
Duração dos atendimentos:	60, 90 e 120 minutos (a maioria tem duração de 60 minutos)
Formato do atendimento:	ora individual, ora em grupo para socialização
Atendimentos paralelos ao da SRM:	na APAE e no CAPS
Avaliação do tempo destinado ao atendimento:	é suficiente, porque está de acordo coma dificuldade

	do aluno; não é suficiente, porque há alunos que faltam aos atendimentos.
--	--

O Quadro 04 sintetiza as informações fornecidas pelos professores participantes da pesquisa em relação à frequência e permanência dos alunos na SER e na SRM. Em relação à frequência nos dois espaços, os docentes são unânimes em afirmar que os alunos quase não faltam às aulas, mas há alunos que frequentam a SER somente dois dias da semana, com a concordância da gestão da escola, pelo fato de os atendimentos na APAE e no CAPS coincidirem com os horários das aulas. Em relação à permanência neste espaço, há também peculiaridades: alguns saem no meio do turno para “outros tratamentos” e outros permanecem na sala até o recreio, mas ficam até o final do turno na escola.

Ao falarem sobre a frequência dos alunos na escola e na SRM, apontam atitudes de funcionários e docentes reveladoras, em sua maioria, das dificuldades desta instituição em tomar posturas inclusivas e promover um ambiente também inclusivo aos alunos e aos próprios professores. Assim é que houve caso de funcionários falarem que os professores não estavam preparados para atender a alunos com hiperatividade, pelo fato de uma aluna com este sintoma estar fora da sala de aula. O que foi contestado pela professora da SRM, dizendo que toda a escola teria que ajudara manter a aluna em sala, pois a docente não contava com uma auxiliar. Outra postura reveladora de não inclusão é a consideração de que o aluno é sempre “problemático”. O uso deste significante para aluna referida acima contou novamente com a postura de contestação da professora da SRM, alertando a professora a observar a indisciplina dos outros alunos da classe e não somente da aluna considerada hiperativa. Outras atitudes e posturas que necessitam de uma reflexão foram ainda evidenciadas: a pouca cobrança da frequência e permanência dos alunos com NEE na escola; a compreensão em demasia das faltas destes alunos, pelo fato de terem uma deficiência; professores opinando que é melhor o aluno permanecer fora da sala de aula, pois assim daria menos trabalho; a satisfação do docente quando isto acontece; e a permissão, por parte da escola, de o aluno se ausentar, por causa dos atendimentos na APAE e no CAPS.

O comportamento citado de uma docente merece destaque, no sentido de percebermos o quanto o processo inclusivo escolar necessita de nossa atenção e reflexão, para que possamos ajudar a todos os envolvidos nele: a professora dizia, *propositadamente e frequentemente*, a uma criança com Síndrome de Down que ela não iria ter aula.

Estas atitudes e posturas citadas pelos docentes participantes do estudo são reveladoras de quantas dificuldades os alunos, as famílias, os gestores, os professores da SER

e da SRM e demais profissionais envolvidos com a escola estão enfrentando, para tornar este espaço mais inclusivo para todos que dele precisam. Mantoan (2003) alerta, quando discorre sobre a inclusão escolar:

A inclusão é uma inovação que implica um esforço de modernização e de reestruturação das condições atuais da maioria de nossas escolas (especialmente as de nível básico), ao assumirem que as dificuldades de alguns alunos não são apenas deles, mas resultam, em grande parte, do modo como o ensino é ministrado e de como a aprendizagem é concebida e avaliada (MANTOAN, 2003, p. 57).

E acrescentaríamos que tornar o espaço escolar inclusivo é preciso de significativa disponibilidade física, psíquica, social, econômica e política de todos os envolvidos com a educação.

Ainda sobre a frequência e permanência dos alunos na SER e na SRM, os docentes apontaram alguns motivos para o atraso e para esta não frequência e não permanência de alguns, são eles: a sonolência provocada pela medicação que toma; os atendimentos na APAE e no CAPS no mesmo horário da escola; e, após o recreio, os alunos começarem a “oferecer trabalho”. Comparando a frequência nos dois espaços de aprendizagem, fica evidente pelo discurso dos professores que há alunos que não faltam à SER, mas faltam à SRM; há alunos que querem frequentar somente a SRM; e há aqueles que são frequentes nas duas salas. Quanto à preferência dos alunos, os professores dizem que a SRM é o ambiente preferido pelos educandos e apontam a metodologia diferenciada como o principal motivo desta preferência, mas apontam, também, caso em que a preferência se dá, pelo fato de o aluno ser trabalhador e ter os seus horários de atendimento marcados de maneira que não atrapalhe a sua atividade laborativa, o que não é possível em relação aos horários da SER.

Este último motivo de preferência pela SRM faz nos refletir mais uma vez que inclusão escolar é um processo complexo que exige tanto do pesquisador, como daqueles que diretamente estão lutando para que ela aconteça, a compreensão dos aspectos psicossociais, políticos, culturais e econômicos que permeiam este processo. Ter aluno menor trabalhador ainda é uma realidade socioeconômica da infância e adolescência no nosso país, apesar de muitos dispositivos legais versarem sobre os seus direitos, a exemplo disto, temos o que o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA reza:

Art. 22. Aos pais incumbe o dever de sustento, guarda e educação de filhos menores, cabendo-lhes ainda, no interesse destes, a obrigação de cumprir e fazer cumprir as determinações judiciais.

Art. 60. É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz (BRASIL, 2010, p. 18- 43).

É preciso que entendamos que o que se faz presente na letra da lei, na maioria das vezes, é resultado de grandes lutas e movimentos sociais, mas fazer as leis e normas serem cumpridas também depende de muitos enfrentamentos e isto vale para a luta pela inclusão educacional, mas também para a inclusão social dos cidadãos deste país, sejam eles de maior idade ou de pouca idade, como as crianças e os adolescentes.

Quadro 04 – Frequência e Permanência dos Alunos na SER e na SRM

Frequência na SER:	os alunos não faltam às aulas; os alunos quase não faltam às aulas; os alunos vão todos os dias; os alunos têm sido bem presentes; há alunos que frequentam a sala somente dois dias da semana, porque têm atendimento na APAE e CAPS.
Frequência na SRM:	é difícil os alunos faltarem; os alunos faltam um pouco.
Permanência dos alunos na SER:	alguns saem para outros tratamentos; permanecem na sala até o recreio e, até o final, do turno na escola.
Atitude da escola diante da não permanência e das faltas do aluno na SER:	a professora da SRM pergunta ao professor da SER o motivo da ausência do aluno; a coordenadora da escola vai à casa do aluno saber do pai o motivo da ausência; houve caso de funcionários falarem que os professores não estavam preparados para atender a alunos com hiperatividade, porque uma aluna com este sintoma estava fora da sala de aula; a professora da SRM disse, no caso específico da aluna hiperativa, que toda a escola teria que ajudar e colocar a aluna em sala, pois a professora não contava com auxiliar; a professora da aluna hiperativa sempre a considerava “problemática”; a professora da SRM alertou a professora para observar a indisciplina dos outros alunos da classe e não somente da aluna considerada hiperativa; o pessoal da escola não cobra muito a permanência e a frequência dos alunos; professores da escola já disseram que é melhor o aluno permanecer fora da sala, porque dá menos trabalho; professores já disseram em relação ao aluno com TGD: “que bom que ele está lá, não vou atrás dele não, deixa ele lá”; o professor fica satisfeito quando o aluno está fora da sala; se o aluno faltar durante uma semana, a escola considera normal, pois imagina que está doente; não se cobra muito a presença do aluno, pois deduz-se que tendo uma deficiência, poderá faltar à vontade; entende-se demais as faltas dos alunos, pois é melhor estarem em casa do que na escola; houve caso em que uma professora dizia todos os dias, propositadamente, para um aluno com síndrome de Down que ele não iria ter aula; a escola permite que os alunos falem, quando têm atendimento na APAE ou CAPS.
Motivo das ausências dos atrasos e da não permanência dos alunos na SER:	o aluno atrasa por causa da sonolência provocada pela medicação que toma há alunos que frequentam APAE ou CAPS no mesmo horário de aula após o recreio, eles começam a dar trabalho os alunos não permanecem todo o período na sala, porque, após o recreio, começam a “oferecer trabalho”
Comparação da	há alunos que não faltam à SER, mas faltam à SRM;

frequência e das ausências dos alunos na SER e na SRM:	há alunos que querem frequentar somente a SRM; há alunos que são frequentes nas duas salas.
Motivos da preferência pela SRM por alguns alunos:	metodologia diferenciada; há aluno que trabalha e a professora faz um horário de acordo com a sua atividade laboral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre o atendimento na SRM, levando em consideração a relação deste espaço com o trabalho da SER, o planejamento, a agenda de atendimento e à frequência dos alunos nestes dois espaços de aprendizagem no município de Imperatriz, podemos fazer algumas considerações. A primeira é que o relacionamento entre a SRM e a SER não poderá se dar somente em momentos de planejamento do ensino, mas ao longo de todas as etapas do processo ensino-aprendizagem e isto inclui o acompanhamento e os diferentes tipos e momentos de avaliação do trabalho docente nos dois ambientes, e dos diferentes tipos e momentos de avaliação da aprendizagem e desenvolvimento dos alunos com NEE. Um relacionamento próximo e sistemático colaborará de maneira significativa, para que cada profissional entenda as suas funções no trabalho com o aluno, percebam e discutam as dificuldades e possibilidades do processo e inicie uma relação de confiança neste trabalho, com colega de profissão e no fazer inclusivo.

Em relação às características do planejamento das atividades de ensino na SRM, percebemos um cuidado dos professores de colher informações importantes sobre o aluno para traçar o seu plano de atividades. Achamos necessário que os profissionais deste espaço aprofundem um pouco mais os seus conhecimentos sobre a função que os recursos didáticos têm no processo ensino-aprendizagem de qualquer aluno e, não somente, dos alunos com NEE.

Sobre a organização da agenda da SRM, os professores participantes da pesquisa evidenciaram também o cuidado em organizar os horários de atendimento dos alunos de acordo com suas necessidades tanto em relação as suas deficiências, mas a possibilidade de acesso ao espaço de aprendizagem. A variação do quantitativo de alunos requer, por parte dos responsáveis da instituição-polo e dos profissionais do órgão municipal competente, a determinação do número mínimo e do número máximo de alunos para cada SRM, para que este espaço cumpra a sua função de complementar ou suplementar o trabalho do ensino regular.

O que podemos considerar em relação à frequência e permanência dos alunos com NEE na SER e na SRM é que, a partir do discurso dos professores, os alunos se fazem presentes neste espaço na maioria das vezes, porém há indícios, através das atitudes e posturas dos profissionais da escola, de que estes apresentam muitas dificuldades em sustentar esta frequência e permanência no contexto escolar e, especificamente, no espaço da sala de aula. Estes indícios merecem atenção tanto de pesquisadores que se interessam por estudos relacionados aos temas da inclusão e dos profissionais que fazem a inclusão. Esta atenção, do ponto de vista deste estudo, daria condição para que pesquisadores e profissionais se debrucem sobre os fatores externos (geográfico, social, cultural, político e econômico), mas, também, sobre os internos aos sujeitos (psíquicos), que têm forte influência no fenômeno educativo dos alunos com NEE e na construção do processo de inclusão escolar.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília: Edições Câmara, 2010.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Informações Estatísticas**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=210530> Acesso em: 17 de abril 2014.

_____. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Resolução Nº 2, de 11 de setembro de 2001. Brasília: Diário Oficial-DOU, 2001.

_____. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. **Sala de Recursos Multifuncionais: Espaço para o Atendimento Educacional Especializado** Brasília: MEC/SEESP, 2006.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa Colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Líber Livro, 2008.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo escolar**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo> Acesso em: 17 de abril 2014.

MANTOAN, MariaTeresaEglér. **Inclusão Escolar: O quê? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

SILVA, Marilete Geralda da. Escuta, Intervenções/Orientações como estratégia de Construção do Sujeito Professor(a). In: COSTA Valdelúcia Alves da; et al (Orgs.). **Políticas Públicas e Produção do Conhecimento em Educação Inclusiva**. Niterói: Intertexto, 2011.

PORTAL DA PREFEITURA DE IMPERATRIZ. **Cidade:** História e Dados Geográficos de Imperatriz. Disponível em: <http://www.imperatriz.ma.gov.br/cidade/> Acesso em: 17 de abril 2014.